



# Um salto dos astros para a City

## Mini-Entrevista a Cláudia Rola por Teresa Peña

Quando nas últimas férias fomos a Londres, visitámos Canary Wharf, um dos cais do Tamisa. Nos séculos XVI e XVII era o desembarcadouro dos barcos com os produtos transportados do mundo novo, ou mesmo, quem sabe?, pilhados a meio pelos piratas. Mas dessa história não há vestígios. Nem se vêem marinheiros no cais. Antes, implantou-se um complexo, a versão moderna da velha City que precisou de mais espaço. Entre as fontes e flores à beira do rio, levantam-se as vidraças de enormes prédios, incluindo os três maiores do Reino Unido.

Mulheres e homens, em geral jovens, numa elegância informal, cruzam-se e falam discretamente em grupos pequenos. Não há chapéus de coco na nova City. E mesmo as gravatas já são poucas. E apesar dos borrifos de chuva constantes, na mão, as famosas umbrellas foram substituídas por telemóveis Blackberry. Neste ambiente tive o gosto de encontrar uma portuguesa. Nas primeiras trocas de palavras, percebi uma atitude familiar, que não tinha a ver (só) com sermos ambas portuguesas. Veio depois a confirmação do que devia ter sido logo óbvio para mim. Cláudia Rola era cientista de formação. E agora trabalha, com grande naturalidade, como Directora Executiva na Morgan Stanley. Já com muita experiência e um percurso de sucesso. Um brilho no olhar, uma estrela no firmamento da City londrina. Não resisti ao imprevisto de uma entrevista para a Gazeta de Física.

GF – Como foi optar por trabalhar na área financeira, em vez de Astrofísica?

CR – No último ano do meu contrato de pós-doutoramento em Cambridge (Reino Unido) fui contactada por agentes

de recrutamento (*headhunters*) da City de Londres. Procuravam jovens doutorados em Matemática ou Física que estivessem interessados numa mudança de profissão para o mundo da Finança. Informei-me com outros doutorados que tinham feito esse salto e a maior parte das experiências eram positivas. Decidi então fazer um ano de sabática numa área muito diferente e ver, fora da “bolha protectora” da Ciência, o mundo da City, sobre o qual tinha muita curiosidade.

No início foi duro. A cultura é muito diferente da da Ciência, mas adaptei-me e agora gosto muito do que faço. Em particular, dado a natureza do meu trabalho e o ritmo acelerado da City, a minha contribuição diária para o banco de investimento em que trabalho tem um impacto imediato e pode fazer uma grande diferença. Obviamente existe muito *stress* associado, mas por outro lado, isso pode ser muito motivador.

Por outras palavras, sinto-me imediatamente útil à sociedade, o que me dá uma grande satisfação. Claro que muitas vezes tenho saudades da Astrofísica. Felizmente, como tenho família e amigos próximos ainda na área, lá vou tentando manter-me a par.

GF – Como e porquê uma licenciatura e um doutoramento em Astrofísica se adequam ao trabalho na City?

CR – Uma formação em Física ou Astrofísica dá-nos um *background* em matemática que é muito útil para o estudo de produtos financeiros complexos chamados “produtos derivados” (*derivatives*), em

inglês). Por outro lado, um doutoramento nestas áreas dá-nos a experiência de sermos capazes de aprender assuntos novos muito rapidamente, de saber colocar um problema concisamente, e depois trabalhar numa solução consistente.

Todas estas competências (os anglo-saxónicos dizem *skills*) são muito úteis para o desempenho de funções de *quantitative analyst* na City. Tipicamente, este tipo de função é o ponto de entrada na City para pessoas com uma formação técnica superior como a científica. A partir daí, à medida que se vai ganhando experiência sobre os vários produtos e também sobre a forma como os bancos e o mundo financeiro funcionam, outras funções vão sendo possíveis, sempre com uma forte conotação técnica.

**GF – Algum pensamento, história ou experiência do percurso académico e profissional, que queira contar à GF?**

CR – Contrariamente às ideias pré-concebidas sobre a City, os bancos de investimento têm uma consciência social muito elevada e fazem questão em dar o exemplo em relação a todo o tipo de iniciativas que procuram melhorar e ajudar a sociedade.

Além das óbvias doações a instituições de beneficência, os bancos organizam várias iniciativas que encorajam todos os seus funcionários a também dar uma contribuição, mesmo que esta não seja monetária. Um exemplo é o chamado *volunteering day*, em que todos os empregados são encorajados a dedicar pelo menos um dia de trabalho por ano a ajudar uma *charity* (instituição de beneficência ou apoio social, sem fins lucrativos). Por exemplo, este ano a minha equipa passou um dia inteiro a pintar as paredes e os muros de uma escola. O ano passado passamos o dia a limpar o lixo abandonado numa reserva natural, além de construir novos caminhos pedestres.

Uma outra iniciativa, ligeiramente diferente, mas que foi particularmente tocante, passou-se no Natal passado. Os directores de um asilo para idosos para pessoas sem família e desfavorecidas pediram ajuda ao nosso banco para tentarem



melhorar o Natal destas pessoas. Montou-se então uma grande árvore com decorações de Natal, que foi colocada numa das salas de recepção do banco onde trabalho. Em cada enfeite, estava pendurado o nome de uma pessoa desfavorecida (além de uma lista de vários itens que esta gostaria/precisaria; pedia-se que se escolhesse um destes itens como oferta). Havia pedidos de canetas, bolos ou chocolates, mas também de meias, cachecóis, camisas, livros, etc., etc.

Cada voluntário levou um enfeite com as instruções, até que a árvore ficou despida durante cerca de uma semana. Passado uma semana, as pessoas começaram a voltar com as suas compras feitas e a devolver os enfeites à árvore, Depositando o respectivo presente aos pés da árvore. Cada presente estava acompanhado de um postal ou cartão com o nome do recipiente e com uma mensagem pessoal. Foi fantástico observar a progressão da árvore, ficando cada vez mais bonita, e o volume crescente de embrulhos coloridos à sua volta. A árvore e os presentes foram então transportados para o lar de idosos alguns dias antes do Natal. Soubemos depois que foi um dos melhores Natais que essas pessoas já tiveram.

Voltando aos cientistas: contribuem muito para a sociedade, a longo e médio prazo. Mas também podem envolver-se mais directamente nela. Na educação e na solidariedade a todos os níveis, por exemplo. Exercendo de vez em quando a sua criatividade de forma diferente, para muitos cientistas esta contribuição social pode ajudá-los a sentirem-se (ainda) mais satisfeitos com eles próprios.

Cláudia Rola obteve a licenciatura em Física e Matemática Aplicada na Universidade do Porto, em 1990. A isto seguiu-se o Mestrado em Astrofísica e Técnicas Espaciais (1991) e o Doutoramento em Física Teórica (1995) na Universidade de Paris VII (França). Durante os três anos seguintes foi Research Associate no Instituto de Astronomia da Universidade de Cambridge e Observatório de Greenwich (Reino Unido), até que em 1999 se mudou definitivamente para Londres e para o mundo das finanças, onde veio a desempenhar o cargo de Assistant Vice-President no Bank of America. Nos anos seguintes passou pelo Sanwa International e Societé Generale, antes de ingressar como Vice-President na Morgan Stanley em 2002. Em 2005 ascendeu a Executive Director (Global Head of Equity Valuation Review). Actualmente é Executive Director, Global Head of ISG Model Control and Quantitative Support.